

ELIZABETH LARROUDÉ WOLF

**ANÁLISE DO CONTO "PAI CONTRA MÃE" DE
MACHADO DE ASSIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE
JABOTICABAL-SP
2008**

ELIZABETH LARROUDÉ WOLF

**ANÁLISE DO CONTO "PAI CONTRA MÃE" DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação São Luís, como exigência
parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação
Latu Sensu em Língua Portuguesa, Compreensão e
Produção de Textos.

Orientadora: Profª Rafaella Berto Pucca.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE
JABOTICABAL-SP
2008**

Dedico

aos meus pais, dedicados e amorosos, que me acompanharam nos momentos mais importantes da minha vida (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Professora Rafaella Berto Pucca, por sua dedicação e orientação.

Aos professores, pelo apoio e esclarecimento de dúvidas no decorrer do curso.

À colega de equipe, Fátima Kozonara, pela agradável convivência e cooperação na realização dos trabalhos.

“[...] O destino não é só dramaturgo, é também o seu próprio contra-regra, isto é, designa a entrada dos personagens em cena, dá-lhes as cartas e outros objetos, e executa dentro os sinais correspondentes ao diálogo” [...]. (ASSIS, J. M. M. de, 1997, p. 119)

RESUMO

A importância das obras do escritor Machado de Assis se deve à forma como modelou seu estilo e construiu o seu universo. Este trabalho propõe a análise do conto de Machado de Assis, “Pai contra Mãe”, tanto sob o aspecto estrutural da narrativa literária, quanto sob a ótica reflexiva acerca de perturbadoras questões políticas inerentes à sociedade brasileira do período colonial. Com o intuito de facilitar a compreensão, este estudo discorre sobre a biografia do escritor e o seu perfil literário. Desenvolve considerações concernentes aos aspectos teóricos do modo literário de narrar e seus tipos mais utilizados em prosa, abordando o gênero literário em questão, o conto, para, em seguida, revelar a habilidade machadiana em tecer tais textos. Examina o texto narrativo acima citado, no que diz respeito aos seus elementos estruturais como enredo, personagens, tempo, ambiente, narrador e, na seqüência, tece uma análise crítica da obra. Em Considerações Finais, ressalta, através do estudo do texto literário acima citado, o papel crítico e desmascarador do escritor em questões sociais significativas como a miséria, a exclusão e, especialmente, a discriminação e dominação raciais que ainda permanecem presentes nos dias atuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 MACHADO DE ASSIS	10
1.1 Biografia	10
1.2 Estilo literário	12
2 A Narrativa Literária	14
2.1 Aspectos Gerais	14
2.1.1 Fábula	15
2.1.2 Romance	15
2.1.3 Novela	15
2.1.4 Conto	16
2.2 Machado de Assis – O Grande Contista	17
3. ANÁLISE DO CONTO "PAI CONTRA MÃE"	19
3.1 Elementos da narrativa literária	19
3.2 Enredo	19
3.2.1 Exposição	20
3.2.1 Complicação.....	20
3.2.1 Clímax.....	21
3.2.1 Desfecho.....	21
3.3 Personagens	22
3.4 Tempo	22
3.5 Ambiente	23
3.6 Narrador	23

3.7 Análise Crítica	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO	31

INTRODUÇÃO

Com o centenário da morte do ilustre escritor Machado de Assis, foi decretada a Lei 11.522, que institui o ano de 2008 como o Ano Nacional Machado de Assis.

Este trabalho tem como objetivo a análise de um dos mais instigantes textos literários produzidos pelo ocupante da cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, o conto intitulado “Pai contra Mãe”.

Foram utilizadas como meios de pesquisa as obras elencadas nas Referências Bibliográficas, e também em “sites” oficiais, nos quais encontra-se material referente ao tema aludido.

Tendo por finalidade uma melhor compreensão acerca do texto literário em comento, o primeiro capítulo apresenta de forma resumida a biografia e o estilo literário do renomado contista.

O segundo capítulo traz uma sucinta abordagem teórica em relação à narrativa literária em prosa e insere o conto dentre os vários gêneros literários utilizados pelo insígne autor.

A análise do conto “Pai contra Mãe” é efetuada sob o prisma estrutural literário, no terceiro capítulo, cujo arcabouço compreende o enredo, os personagens, o tempo, o ambiente, o narrador e, ao final, a sua análise crítica.

A importância e o interesse pelo trabalho em questão devem-se ao fato de, através do citado conto, o festejado escritor ter realizado, como em toda a sua extensa obra, uma genuína transformação na literatura brasileira, em termos de estilo e conteúdo.

1 MACHADO DE ASSIS

1.1 Biografia

Primeiro filho de um pintor mulato e de uma portuguesa, natural da Ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, Machado de Assis nasceu em 1839, no Morro do Livramento, junto à zona portuária do Rio de Janeiro. Perdeu a irmã, nascida dois anos depois dele, vítima de sarampo, e a mãe, de tuberculose, em 1849, antes de completar dez anos de idade.

Por meio de explorações solitárias, conseguiu aprender, além do francês, o inglês, tornando-se um grande leitor dos romances britânicos e de literatura de cunho filosófico, como a do alemão Arthur Schopenhauer. Duarte (2007, p. 08) complementa:

“Menino pobre, e já na infância órfão, teve uma educação irregular, compensada pelo afã autodidata com que procurou desde cedo superar a subalternidade inerente às origens étnica, social e econômica, visíveis na condição de ‘homem livre na ordem escravocrata’ e, sobretudo, na pele escura herdada dos avós afro-brasileiros.”

Estreou na literatura aos 15 anos, publicando seu primeiro trabalho literário, o poema “Ella”, na revista Marmota Fluminense; aos 17 anos, trabalhou também como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Oficial; e aos 25 anos, lançou sua primeira obra em livro, a coletânea de poemas “Crisálidas”, no qual reúne parte da poesia publicada em jornais.

Entrou para a Imprensa Nacional, em 1856, onde conheceu Manuel Antonio de Almeida, que se tornou dele grande amigo e protetor; foi ainda colaborador na

redação do Diário do Rio de Janeiro, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva; em 1863, publicou muitos de seus contos no Jornal das Famílias.

Em 1864, iniciou-se a guerra entre o Brasil e Paraguai, morreu Gonçalves Dias, tido como “O Poeta”, pilar do Romantismo e do Indianismo, e o escritor publicou vários contos no Jornal das Famílias, com diversos pseudônimos.

Diante do massacre de Assunção, no Paraguai, comandado pelo conde d'Eu, marido da princesa Isabel, em que muitas crianças, mulheres e velhos foram mortos em meio à fuga, nas ruas, numa ação em que toda a população masculina do país foi quase exterminada por mais de uma geração, sobretudo a negra, libertada especialmente para substituir jovens brancos que podiam pagar por esse recurso, as instituições da escravidão e da monarquia sofreram, em decorrência da guerra, um desgaste enorme, repercutindo, sobremaneira, na vida e consciência da população brasileira e do próprio Machado de Assis, inviabilizando gradativamente a escravidão, em decorrência da ausência de repressão à fuga dos negros e do recrudescimento da luta dos próprios escravos nos quilombos, cidades e fazendas.

Casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, quatro anos mais velha do que o escritor, irmã do poeta e amigo Faustino Xavier de Novais, em 1869. A união foi feliz, porém sem filhos.

Quatro anos depois, entrou para o funcionalismo público, no cargo de primeiro-oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, emprego este que lhe garantiu estabilidade financeira até o fim de sua vida.

Ao analisar a biografia de Machado de Assis, Duarte (2007, p. 08) comenta:

“À trajetória do cidadão agrega-se o sucesso do escritor perante um público que, em sua grande maioria, estava longe de situar-se entre as classes populares. Desse modo, sua biografia mostra a ascensão de um afro-descendente, vindo das margens da estrutura social para se aproximar da elite de seu tempo: imprensa, literatura, máquina governamental”.

Foi condecorado pelo Imperador, Dom Pedro II, com a Ordem da Rosa, distinção concedida às maiores personalidades do país, em 1888, ano este em que a princesa Isabel assinava a Lei Áurea, extinguindo oficialmente a escravidão no país. No ano seguinte, ano em que a República era proclamada, Machado de Assis foi nomeado diretor da Diretoria do Comércio na Secretaria da Agricultura.

Foi também acusado pela crítica da época de cínico, aristocrata e indiferente ou omissos em relação aos problemas de seu tempo, sobretudo quanto à escravidão e às relações interétnicas existentes no Brasil.

Aguiar (2006, p. 47) esclarece que “o pessimismo machadiano, causado pelo enfrentamento das dificuldades, dos preconceitos contra sua cor de pele e condição social, por suas doenças, e do qual tanto se ouve falar, tem muito a ver com essa interpretação.”

O nosso maior escritor da literatura brasileira também ocupou a cadeira de nº 23 da Academia Brasileira de Letras, tendo sido seu primeiro presidente, cargo este que ocuparia por mais de dez anos. Em torno dele reuniram-se personalidades como Olavo Bilac, Lúcio de Mendonça, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Raul Pompéia, Inglês de Souza, entre outros.

Depois de sofrer longamente de um tumor no intestino, Carolina, seu grande amor de quase quarenta anos, faleceu em 1904. Quatro anos mais tarde, Machado de Assis também falecia, aos 69 anos, vítima de um câncer na boca, deixando uma rica e vasta obra, tornando-se o maior escritor das letras brasileiras e um dos mais significativos autores da Literatura de língua portuguesa.

1.2 Estilo literário

O estilo literário de uma época é construído mediante a repetição de elementos técnico-lingüísticos, realizada por um grande número de escritores em determinado período, influenciados pelo sistema cultural vigente, pelos valores pessoais e sociais daquele momento histórico, além de ideologias e fatos marcantes.

Machado de Assis, considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos, escreveu uma vasta obra abrangendo praticamente todos os gêneros literários, como, por exemplo, crônicas, contos, romances, poemas, peças de teatro e artigos de crítica literária, notabilizando-se, sobretudo, como romancista e contista.

Isto porque, ao escrever um romance, deve-se lidar, além de uma grande quantidade de ingredientes, com elementos extensos e complexos. Já no conto, a exigência é a de uma trama narrativa mais compacta, elaborada com certa limitação de recursos, aspectos estes orquestrados com extrema maestria em ambos os gêneros literários pelo escritor em questão.

No período de 1836 a 1881, o estilo literário em vigor no Brasil foi o Romantismo, caracterizando-se, na literatura, pelo predomínio da emoção, ênfase na subjetividade, na fantasia e idealização de personagens e amores perfeitos. Tal gênero encontra-se na primeira fase de sua carreira, nas coletâneas de poesias “Crisálidas”, “Falenas”, “Americanas”, nos romances “Ressurreição”, “A Mão e a Luva”, “Helena”, “Iaiá Garcia”, bem como nos “Contos Fluminenses” e “Histórias da Meia Noite”.

Em 1881 abandonou, definitivamente, o romantismo com a publicação do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, marcando, assim, o início do Realismo no Brasil e a segunda fase de sua carreira. Esse movimento literário teve como características principais, a visão objetiva da realidade, sem distorções, gosto pelo detalhe, a análise crítica dos comportamentos humanos, dando lugar a pessoas comuns, limitadas e com problemas tais como o adultério, o egoísmo, a falsidade, o cotidiano desgastante e sua impotência diante dos ricos e poderosos. Esses temas estão presentes nos livros “Quincas Borba” e “Dom Casmurro”. Posteriormente o autor escreveu os romances “Esaú e Jacó” e “Memorial de Aires”, bem como as extraordinárias coletâneas de contos publicados nas obras “Papéis Avulsos”, “Várias Histórias”, “Páginas Recolhidas”, “Relíquias da Casa Velha” e a coletânea de poesias “Ocidentais”.

No teatro, escreveu as peças “Queda que as mulheres têm para os tolos”, “Desencantos”, “Hoje avental, amanhã luva”, “O caminho da porta”, “O protocolo”, “Quase ministro”, “Os deuses de casaca”, “Tu, só tu, puro amor”.

2 A NARRATIVA LITERÁRIA

A narrativa literária, ao contrário daquela utilizada no uso diário, realça a mensagem com graça e beleza, traduzindo-se numa criação artística, poética e dotada de emoção. O início do estudo da narrativa remonta ao célebre pensador Aristóteles em sua obra “Poética”, que descreveu as artes narrativas da sua época. Hoje em dia existe uma grande quantidade de narrativas como, por exemplo, as peças de teatro, os filmes, novelas televisivas e notícias de jornal.

Existe uma série de classificações de gêneros narrativos, conforme o estilo, a estrutura, englobando uma gama enorme de textos que foram sendo criados, ao longo da história, conforme a cultura e época vigentes.

2.1 Aspectos Gerais

Segundo Aristóteles, os gêneros literários podem ser classificados conforme a sua forma e o conteúdo. Em relação à forma, os gêneros são *verso* e *prosa*. Quanto ao conteúdo, o gênero pode ser épico, constituído por meio da seqüência de episódios; lírico, na medida em que se desenvolve juntamente com a música; ou dramático, expressado por meio da interpretação. Este se subdivide em três categorias: tragédia, comédia e drama.

Com relação à estrutura da narrativa, Gancho (2008, p.11) apresenta os seus elementos:

“Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa. Os fatos, as personagens, o tempo e o espaço existem, por exemplo, num texto

teatral, para o qual não é essencial a presença do narrador. Já no conto, no romance, ou na novela, o narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, o intermediário entre aquilo que é narrado (a história) e o autor, entre o narrado e o leitor.”

Os tipos de narrativas em prosa mais utilizados são a fábula, o romance, a novela, o conto e a crônica.

2.1.1 Fábula

É um texto breve, de caráter alegórico, em verso ou em prosa, destinada a ilustrar um preceito. Jean La Fontaine deu vida a este gênero literário através de "O lobo e o cordeiro", "A raposa e o esquilo", "Animais enfermos da peste", "A corte do leão", "O leão e o rato", "O pastor e o rei", "O leão, o lobo e a raposa", "A cigarra e a formiga", "O leão doente e a raposa", "A corte e o leão", "Os funerais da leoa", "A leiteira e o pote de leite".

Monteiro Lobato foi o escritor brasileiro que se utilizou de fábulas, adaptadas de La Fontaine, dentre as quais destacam-se "A cigarra e a formiga", "O lobo e o cordeiro" e "A galinha dos ovos de ouro".

2.1.2 Romance

Além de ser uma narrativa longa, envolvendo um número considerável de personagens e de conflitos, com tempo e espaço amplos, é classificado, em razão de sua temática, como: policial, ficção, aventura, amor, dentre outros. No Brasil, foram publicados romances, como "O encontro marcado", de Fernando Sabino, "Vila dos Confins", de Mário Palmério, "Grande Sertão: veredas", de Guimarães Rosa, "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado e "O tempo e o vento", de Érico Veríssimo.

2.1.3 Novela

É uma sequência de eventos apresentada de forma linear, que tem como características a rapidez na passagem do tempo e, em relação ao romance, tem um número menor de personagens, conflitos e espaços. É tido como um romance mais

curto. “A morte de Ivan Ilitch”, de Tolstói, “Metamorfose”, de Kafka, “O Velho e o Mar”, de Ernest Hemingway e “Aura” de Carlos Fuentes são os destaques, entre as grandes novelas mundiais.

2.1.4 Conto

É uma narrativa mais curta, concisa, e que contém uma unidade dramática, concentrando-se a ação num único ponto de interesse. A característica central é, basicamente, condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes.

Houve uma gama enorme de teorizações por parte de críticos e escritores e diferentes contextos foram assumidos, em relação à concepção do conto nas diferentes culturas e países, ao longo do tempo. Segundo Poe (1809-1849), o conto guarda uma relação entre a sua extensão e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa. Para Tchekhov (GOTLIB, 2006, p. 42), renomado contista, dramaturgo e médico, “não é só da brevidade e da impressão total que surge a boa estória ou conto.” [...] mas também da “força, clareza e compactação. Assim, o texto deve ser claro – o leitor deve entender, de imediato, o que o autor quer dizer. Deve ser forte - e ter a capacidade de marcar o leitor, prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se afrouxe este laço de ligação”.

O início do conto, embora seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese, remonta aos tempos antigos, ainda não marcados pela tradição escrita, como os contos egípcios que apareceram aproximadamente em torno de 4000 antes de Cristo, chamados “Os contos dos mágicos”. Houve também, em vários momentos da história contos escritos como, por exemplo, os bíblicos, de “Caim e Abel”, os greco-latinos, de Homero, “Ilíada e Odisséia”, e os orientais, “Pantchatantra” e “As mil e uma noites”.

No século XIV e seguintes, o conto escrito vai ganhando, aos poucos, contornos estéticos, surgindo inicialmente, “Decameron”, os contos eróticos de Bocaccio; mais tarde. as “Novelas ejemplares”, de Cervantes, os “Contos da mãe

Gansa”, de Charles Perrault, as fábulas de La Fontaine, até chegar ao conto moderno representado pelos Irmãos Grimm e por Edgar Allan Poe, este já alçado à condição de contista e teórico do conto.

Entre os escritores mais importantes desse gênero, no Brasil, estão, Otto Lara Resende, Manoel Lobato, Moreira Campos, Breno Accioly, Moacyr Scliar, Péricles Prade, Lygia Fagundes Telles, entre outros.

2.2 Machado de Assis: o grande contista

Machado de Assis possui uma incrível habilidade em tecer seus contos combinando a intriga bem articulada de questões não resolvidas à ironia, aos sentidos de observação e de humor, ao pessimismo e à sensualidade.

Alguns contos reveladores dos temas que compunham o universo de seu interesse como a alma feminina, a sedução, o adultério, a loucura e a vaidade estão presentes em “A cartomante”, “A causa secreta”, “Missa do Galo”, “A igreja do diabo” e “Um apólogo”.

Em relação aos contos machadianos, Gotlib (2006, p. 77) assevera:

“[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções [...]”.

E acrescenta:

“O modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não-dito, que abre para as ambigüidades, em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, paralelamente ao que acontece, há sempre o que parece estar acontecendo. E disto nunca chegamos a ter certeza.”

Ao mesmo tempo, este notável escritor não passou ao largo dos grandes acontecimentos de seu tempo. É possível entrever, no relato de sua obra, marcadamente em seus contos “Virginius”, “Mariana”, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma”, “O caso da vara” e “Pai contra Mãe”, o registro da análise e reflexão sobre a história que se delineava ao seu redor, dentre elas, a denúncia da

escravidão e, na fase posterior, a idéia da “benevolência” dos brancos na libertação dos escravos negros.

3 ANÁLISE DO CONTO "PAI CONTRA MÃE"

3.1 Elementos estruturais da narrativa literária

A narrativa literária é um texto centrado em um acontecimento, possuindo elementos estruturais básicos como enredo, personagens, espaço e tempo, relatado por um narrador.

Os fatos de uma história não precisam ser necessariamente verdadeiros mas devem ser verossímeis; isto significa que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que está lendo. Gancho (2008, p. 12) preconiza que “a verossimilhança é uma peculiaridade da narrativa definida como “lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor: verossimilhança é pois, a essência do texto de ficção.”

3.2 Enredo

Para se entender a organização dos fatos no enredo, “não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender o elemento estruturador das partes: o conflito” (Gancho, 2008, p. 12). Este, geralmente, determina as partes do enredo: exposição, complicação, clímax e desfecho.

O conto “Pai contra Mãe” é uma narrativa publicada, em 1906, na obra “Relíquias da casa velha” e ambientada no Rio de Janeiro, nos tempos do Brasil imperial, tendo como assunto, a história de um caçador de escravos pobre que, para poder ficar com seu filho recém-nascido, tem que entregar uma escrava negra fugitiva e grávida, recebendo por esta a sua recompensa. O tema abrange a escravidão, a discriminação e dominação raciais, e a mensagem, o jogo de poder na luta pela sobrevivência.

3.2.1 Exposição

Gancho (2008, p. 13) afirma que a Exposição (ou introdução ou apresentação) “é a parte na qual se situa o leitor diante da história”.

Descrição dos instrumentos aplicados na tortura aos negros, da perda dos escravos fujões e do ofício de capturá-los:

“A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. [...] Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfazio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.” (Duarte, 2007, p. 147/148)

3.2.2 Complicação

Na lição de GANCHO (2008, 12), a Complicação (ou desenvolvimento) “constitui a maior parte da narrativa, na qual agem forças auxiliares e opositoras ao desejo da personagem e que intensificam o conflito”.

Apresentação do personagem Cândido Neves, seu ofício, seu casamento com Clara e o nascimento do filho:

“Cândido Neves, -- em família, Candinho --, é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. [...] Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjava de si mesma a dieta para a

recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. “(Duarte, 2007, p. 148/156)

3.2.3 Clímax

Para Gancho (2008, p. 12) o Clímax é “o momento culminante da história, o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo”

A saída para entrega do filho à Roda dos Enjeitados, o encontro com Arminda, a negra fugida, sua captura e a entrega ao seu senhor:

“Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos. [...] O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.” (Duarte, 2007, p. 156/158)

3.2.4 Desfecho

Gancho apregoa (2008, p. 12) que o Desfecho (ou desenlace ou conclusão) é a “solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não”.

A volta para casa com a recompensa e o filho:

“Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

-- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.” (Duarte, 2007, p. 158)

3.3 Personagens

Quanto ao papel desempenhado no enredo, Cândido Neves e Arminda são os personagens principais em oposição, que através do embate travado, sai vencedor o primeiro, o mais “forte”, apesar de sua fraqueza moral e instabilidade emocional, em razão da legitimidade concedida pelo poder da classe dominante:

Cândido Neves, chamado de Candinho, em família, tem 30 anos, livre, pobre, cuja ocupação que escolheu é vaga pois “passa semanas sem vintém”. Possui o ofício de “pegar escravos fugidos”. Seu defeito grave é o de não aguentar emprego nem ofício; falta-lhe estabilidade. Acumula dívidas e mora com um primo. Quisera efetivamente fazer outra coisa, pelo simples gosto de trocar de ofício, porém não achava à mão nenhum negócio que aprendesse depressa.

Arminda é negra e escrava fugida que está esperando um filho.

Os personagens secundários, são Clara, esposa de Cândido Neves, 22 anos de idade, órfã, e mora com uma tia e deseja muito se casar; Mônica, tia de Clara cuja profissão é a de costurar, bem como o farmacêutico, senhor de Arminda.

Cumprido ressaltar que determinados personagens possuem nomes que não correspondem à realidade de suas personalidades. O personagem de nome Cândido que nos remete a uma relação de pureza e inocência, é rude e possui um caráter duvidoso. Por sua vez, Clara, nome da mulher de Cândido, que evoca uma matiz que pressupõe luz, apresenta-se como apagada e submissa.

3.4 Tempo

No primeiro parágrafo o narrador informa que “a escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais”. Como o tempo verbal desta oração é o pretérito perfeito, “levou”, a trama que irá narrar já terminou, não mais existe. Mas em seguida, mais precisamente, no terceiro parágrafo, o narrador afirma que “há meio século, os escravos fugiam com frequência”, levando a crer que a ação se passa no final do Brasil-império.

O tempo cronológico vem a ser “o tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear [...]; chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos. (GANCHO, 2008, p. 25). Ora, o conto em tela compreende o período desde em que, o protagonista, no início, é solteiro e vai até o nascimento do filho que teve com Clara, a moça com quem se casou. Entretanto, no nono parágrafo do texto em questão há uma única referência expressa e delimitada de tempo:

“O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se **onze meses** depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos.” (grifo meu)

3.5 Ambiente

Ambiente, para Gancho (2008, p. 27) “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem as personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência deste dois referenciais, acrescida de um clima”.

As principais funções do ambiente são as de situar os personagens no tempo, espaço e nas condições em que vivem, projetar os conflitos vividos pelos personagens, além de oferecer indícios para o desenrolar da narrativa.

O ambiente deste conto é da época ubana em que o Brasil vive sob à égide da instituição da escravatura. A violência e a hipocrisia da sociedade tem o apoio das convenções sociais, legalizada para impor a “ordem social e humana” aos dominados. A situação socioeconômica dos personagens é muito precária, vivendo com dificuldades financeiras enormes, beirando a miséria. O clima é de muita frieza, violência e tensão.

3.6 Narrador

O narrador é o encarregador de contar ou narrar os acontecimentos em uma obra literária. Em relação aos tipos de narrador, Gancho (2008, p. 31) explica:

“Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária, para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto outro se referem à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular)”.

No Conto de Machado de Assis, “Pai contra Mãe”, o narrador se posiciona, ora fora dos fatos narrados, tipificando o narrador observador, ora dentro, ou seja, falando com o leitor ou julgando diretamente o comportamento dos personagens, chamado este de narrador “intruso”, conforme, a título de exemplo, denota-se da narrativa:

“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. **Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.** Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. **Imaginal uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.** Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, **e o mesmo dono não era mau;** além disso, **o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.** A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando. (grifo meu).”

Destarte, é possível afirmar que o tempo da narração é após a abolição, enquanto o narrado é durante o período escravagista. O narrador também descreve os instrumentos de tortura utilizados na época da escravidão, a função de cada aparelho, mas, em certo momento, ele interrompe a descrição para instigar o leitor acerca dos seus sentidos visuais e imaginar as sensações do sofrimento. Há, ainda, a presença do discurso direto, em que os personagens dialogam diretamente, mesclado com o discurso indireto, no qual o narrador intermedia a conversa do personagem com o leitor.

3.7 Análise Crítica

Machado de Assis questiona e denuncia, com extrema destreza, o panorama traçado com a instituição da escravidão e suas nefastas conseqüências. Não obstante, foi acusado de cidadão omissos perante os problemas de seu tempo. Duarte reproduz discurso de um dos intelectuais do movimento negro, Ironides Rodrigues (Duarte apud Rodrigues, 2007, p.9):

“[Machado] exprimia-se como um escritor branco que não sentisse o mínimo de sangue negro correndo em seu coração. É o patrono da Academia Brasileira de Letras, numa prova de sua branquitude de inspiração, ficando à margem e pouco se preocupando com movimento sociais do seu tempo, como a Abolição e a República.”

Entretanto, não é isso que se percebe da leitura de sua obra. Ao contrário, o posicionamento do escritor frente ao sistema patriarcal e escravista, encontra-se registrado, em várias obras suas e sobretudo neste brilhante texto literário.

Descreve o autor os instrumentos de tortura utilizados nos escravos e o ofício de capturá-los para em seguida apresentar o protagonista da narrativa, Cândido Neves, sujeito pobre, que, por não se adaptar a nenhum ofício da época, torna-se caçador de escravos. Mais tarde, conhece Clara com quem se casa e tem um filho. Desesperado, por não poder sustentá-lo, a providência se encarrega de fazê-lo encontrar uma negra fugida, Arminda, cuja polpuda recompensa é oferecida, e que por conta de sua captura, acaba por perder o filho que também espera.

Nos entremeios de sua narrativa, marcada por uma linguagem correta, clássica, com frases curtas e pelo diálogo com o leitor, salpicada com uma fina ironia e disfarçada indiferença, o notável escritor, delata todo o horror da escravidão, assim

como o egoísmo, humano, a degradação social e moral a que os personagens Cândido e Arminda são submetidos, e a proximidade na condição de miserável tanto do branco livre quanto o negro escravo.

Entretanto, mesmo próximos à miséria, o homem e pai, livre e branco, que acredita ser superior à escrava, negra e mãe, vinga, em detrimento desta, considerada mera mercadoria, em razão da proteção que o perverso sistema social da época lhe confere.

É sabido que a escravidão teve seu início no Brasil durante o período colonial, quando os portugueses, para explorar o comércio do pau-brasil, utilizaram o trabalho dos negros, após a malsucedida tentativa de explorar os índios que aqui habitavam, vindos principalmente de Moçambique, Angola e Guiné para o Brasil e transportados nos chamados “navios negreiros”, em condições extremamente precárias, desembarcavam nos portos, sobretudo, do Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

O tráfico de escravos negros perdurou até 1850. Foi, então, promulgada a Lei do Ventre Livre, em 1871, que garantia a liberdade aos filhos dos escravos. Finalmente, em 1888, foi decretada a lei que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil, intitulada de Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. Conseqüentemente, houve uma intensa miscigenação de grupos raciais, decorrente, sobretudo, da fusão dos europeus, negros, índios e mulatos, na população brasileira. De lá para cá muita coisa aconteceu.

Contudo, o Brasil atual continua sendo um país de grandes contrastes sociais, especialmente no que diz respeito ao aspecto racial. Conforme dados noticiados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ao divulgar um estudo especial da Pesquisa Mensal de Emprego, em setembro de 2006, dão conta de que a população declaradamente preta ou parda tem menos escolaridade e um rendimento médio equivalente à metade do recebido pela população branca, na média das seis regiões metropolitanas investigadas.

O olhar sensível do escritor deixa um relato bastante atual, apesar de escrito no final do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia evidencia a difícil trajetória percorrida pelo escritor, Machado de Assis, marcada por um sem número de obstáculos, dentre eles, a pobreza, a fragilidade da saúde e os preconceitos raciais decorrentes da pele escura herdada pelos avós afro-brasileiros. Entretanto, nenhum deles impediu o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras de ser um vencedor. Graças ao seu talento, força de vontade e amor ao conhecimento ganhou o merecido destaque em sua carreira.

O centenário da morte de Machado de Assis é um momento para se revisitar a sua vasta obra, composta de todos os gêneros literários. Ao escrever poesias, romances, crônicas, contos e peças de teatro, mergulhou na mente de seus personagens e retratou a existência humana, a sociedade brasileira e suas instituições com uma visão crítica e instigante.

A sua obra literária compreende, além de nove romances, entre os quais “Helena”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”, verdadeiras obras-primas da Literatura, numerosos contos, entre os quais o conto, objeto de análise do referido trabalho, chamado “Pai contra Mãe”.

O conto é um tipo de narrativa literária em prosa, cuja característica central é condensar conflito, tempo, espaço e um número reduzido de personagens. O brilhante contista Machado de Assis foi um inovador, experimentando as mais variadas possibilidades desse gênero, cujo estudo psicológico dos personagens, aliado à análise da condição humana, constituiu os mecanismos literários fundamentais.

Apesar de alguns de seus desafetos o terem criticado de alheio às questões de seu tempo e de negar suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento, é preciso esclarecer que o que se percebe em suas obras é, ao contrário, uma preocupação, sobretudo, com desigualdades sociais.

No magistral conto “Pai contra mãe”, o drama da escravidão e as questões sociais dela decorrentes, emergem com todo o realismo e em sua verdadeira dimensão de violência e sofrimento, através do olhar crítico e desmascarador do escritor, sobretudo em relação aos aspectos relacionados com a miséria e a falta de perspectiva que torna o pobre hostil à sua própria classe, e notadamente a discriminação e dominação raciais.

Cem anos da morte do eminente escritor se passaram. Embora a escravidão tenha sido abolida, o Brasil está muito distante de ser um país igualitário.

Machado de Assis através de sua obra, permanece vivo e atual, garantindo a posteridade e o merecido destaque na literatura nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. A. **Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, J. M. M. de. **Dom Casmurro**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

DUARTE, E. de A. **Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo (antologia)**. 2ª ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

IBGE. **PME Cor ou Raça – Setembro de 2006. IBGE divulga estudo especial da PME sobre Cor ou Raça**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 05 set. 2008.

TEIXEIRA, J. **Machado, um verdadeiro imortal**. Veja, São Paulo, ed. 2079, n. 38, p. 160-169, 24/set.2008.

ANEXO

ANEXO

CONTO: PAI CONTRA MÃE

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para

outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves — em família, Candinho —, é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos, Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do namorado — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas

davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma coisa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

— Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

— Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela Semana Santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

— Bem sei, mas somos três.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma coisa.

— Que quer então que eu faça além do que faço?

— Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abriam mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo,

espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem-criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou

maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido

Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbons.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na , Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

— Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do , viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

— Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! repetiu Cândido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela , em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem,urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos Enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.